



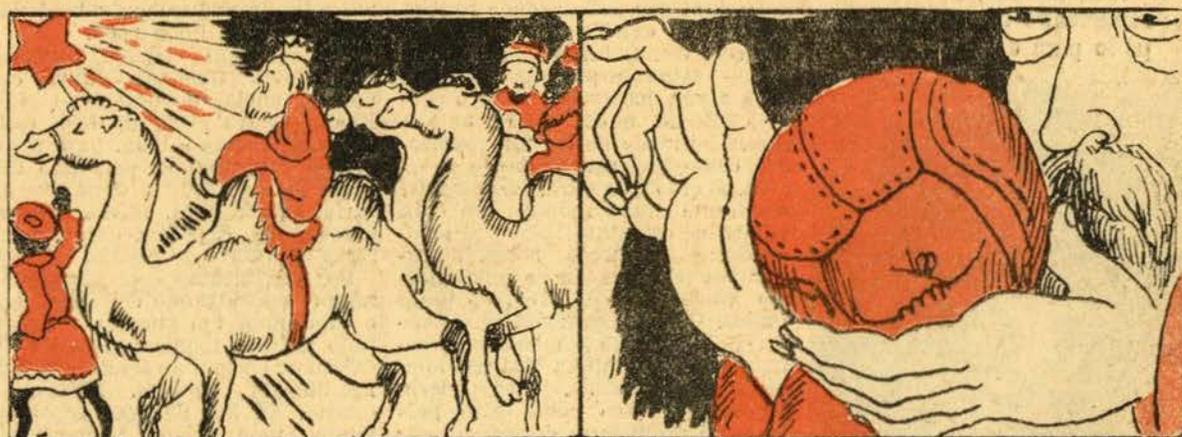
DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

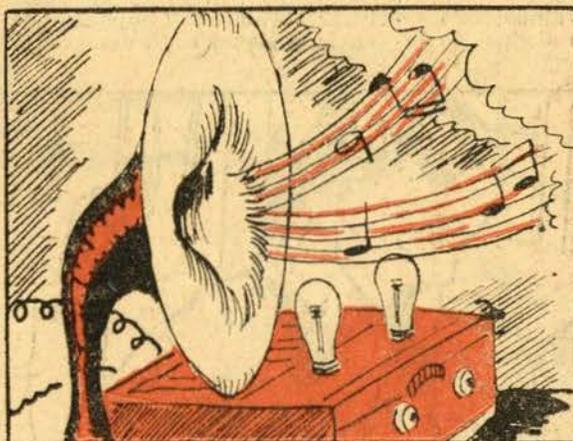
DE SANTA
≡ RITA ≡

OS REIS MAGOS...

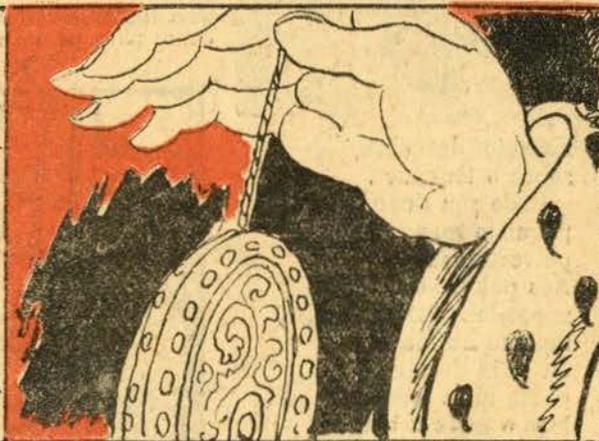


Se os três Reis Magos do Oriente
à branca luz do luar,
vissem, actualmente,
o Deus-Menino saudar,
cada qual com seu presente;

Não trariam, com certeza,
pérolas, jóias, diamantes,
coisas de tanta riqueza
e tanta opulência, antes
far-lhe-iam outra surpresa.



Ao lindo menino loiro
dar-lhe-iam, à luz do sol,
enorme bola de couro
para jogar o «footbaal»,
em vez de jóias em ouro...



Um aparelho, recente,
de Radiotelefonía,
e um lindo «Yo Yo». Certamente
o Deus-Menino daria
mil palminhas de contente!

MACACO DE IMITAÇÃO

MACACO Zé Mono,
da terra do zimbo,
moeda do Congo,
fumava no longo
cachimbo
do dono.

Um dia, contudo,
Zé Mono macaco,
não vendo o tabaco
no largo buraco,
mordeu no canudo;
e fulo, danado,
remexendo em tudo,
pô-lo para o lado.



Entanto, descobre,
sobre o toucador,
do seu dono,
pequeno mas belo
pulverizador.
Aos pulos, ao vê-lo,
supondo-o um cachimbo,
macaco Zé Mono,
da terra do zimbo,
numa fúria louca,
logo o mete à boca.
Mas, nisto, sentindo
um duche na guela,
aos saltos, fugindo,
todo se arrepela.

(Continua na página 5)



POR TOUTINEGRA

A NOITECERA há pouco. Caía uma chuva miudinha, tornando raros os transeúntes por aquelas ruas, nuni dos pontos mais altos da cidade. Numa delas, em frente, uma só pessoa caminha vagarosamente, pois é deveras íngreme a subida. É um garoto dos seus dez anos, pobrememente vestido. Ei-lo a tirar dum dos bolsos, onde metera a mão, um «Yo-Yo» e ei-lo a brincar com ele. O brinquedo é de folha: — latas de pomada serviram para a sua construção e foi o próprio. Eládio quem o fez, ante a impossibilidade de ter um comprado, como tão ardentemente desejava. E ei-lo que pára, tristemente, em frente duma montra, em cuja vitrine se ostentam inúmeros brinquedos: — Bopecos, bolas, macaquinhos felpudos, etc, e uma enorme variedade de «Yo-Yo» todos lindos. Contemplando-os, enamorado, Eládio pensa e monologa sozinho: — «Ah se minha Mãe não houvesse estado doente, já eu poderia ter um «Yo-Yo» como estes, pois bem me prometera, dizendo: — «Se o Menino Jesus me ajudar, dar-te-hei um, realisando, assim, o teu sonho doirado.»

Com que fé ele pedira ao Deus Menino que a ajudasse mas inutilmente; no próprio dia de Natal, dando-lhe um beijo, a Mãe dissera-lhe que não lho podia comprar, pois lhe faltavam, ainda, oito escudos para pagar o aluguer do mi-

sero quarto em que viviam. Eládio era órfão de pai e a mãe, uma pobre engomadeira, vivia com grandes dificuldades.

Lançando um derradeiro olhar à montra dos brinquedos, seguiu, assobiando a-fim de atufentar as tristezas. Dando uns passos em frente, ouviu, entretanto, telintar a seus pés qualquer coisa imprevisita. Era uma pequena medalha, rodeada de pedrinhas, e contendo o retrato dum lindo bebê.

Provavelmente aquela medalhinha havia tombado duma das muitas janelas do prédio ao lado. Eládio estava cheio de frio, cada vez mais chovia e inda, para mais, aquele contratempo, pois não deixaria de a restituir à dona que estaria, àquela hora, talvez, deveras preocupada. E pôs-se, então, a subir a escadaria do prédio.

De pavimento em pavimento, sempre encontrando em todos, que o supunham um simples e impotente pedinte, modos agrestes e desabridos, chegou ao terceiro andar, inutilmente, também. Faltava o quarto. Ao fim de esperar algum tempo, uma criada apareceu, a qual, supondo-o igualmente um pequeno mendigo, fechou bruscamente a porta, dizendo: — «Vem cá amanhã! Hoje não pode ser. Tem paciência!»

Eládio ficou aborrecidíssimo. Só aqueles podiam ser os donos da medalhinha. E se se atrevesse a bater novamente?! Sujeitar-se-ia a ouvir qualquer coisa desagradável.



MACACO DE IMITAÇÃO

(Continuação da pag. 2)

E o grande finório, fulo, brada então: — «Ora, cebolório, isto era um síão!»

De cada história, no fim, há que tirar conclusão: Sucedem coisas assim, a alguns meninos que são como este macaco, emfim, macacos de imitação.

FIM

ANEDOTAS

A mestra da aula infantil:— Então, meus meninos, se quiserem subtrair uma cousa da outra, ambas elas têm de ser da mesma espécie. Não se podem tirar três maçãs de quatro pècegos, nem três pedras de nove botões. Tem que se tirar três maçãs de quatro maçãs e assim por diante. Percebem?

A maior parte das crianças percebeu ou disse que tinha percebido. Mas o pequenino Duarte, que vive no campo, levantou a mão timidamente e disse:— O' senhora professora, mas não se podiam tirar três litros de leite de quatro vacas?

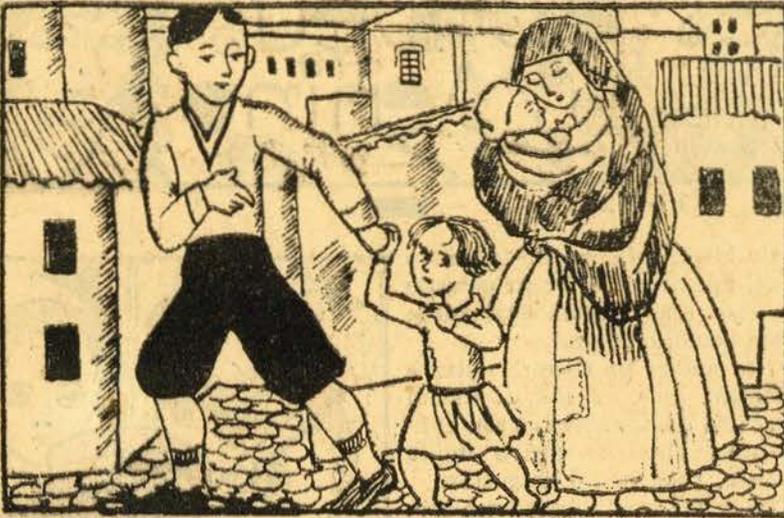
idéa lhe ocorreu: — dar o desejado pão à garotinha e renunciar ao seu «Yo-Yo»! Esta idéa generosa representava para elle um enorme sacrificio. Hesitava em pô-la em prática mas ao ver a pequena que fitava nêlo os olhos rasos de lágrimas, imediatamente esqueceu o lindo brinquedo e, puxando-a pela mão, dirigiu-se à padaria em frente, voltando de lá com dois escudos de pão que entregou à pobre mulher, abalando a correr, para fugir aos agradecimentos bem merecidos.

Assim que chegou a casa, contou tudo à Mãe, entregando-lhe os restantes oito escudos. Esta, porém, que conseguira mais trabalho nêse dia, restituiu-lhe quatro, louvando o seu proceder.

Eládio comprou o «Yo-Yo», realizando o seu sonho dourado e ainda pode comprar um certo doce de que é muito apreciador.

O Menino Jesus nunca deixa no olvido os pedidos dos que são bons e rectos como Eládio.

FIM



Nisto, subitamente, a porta reabriuse e um gordo sujeito quasi esbarrou com elle, perguntando-lhe o que fazia ali. Eládio pô-lo então ao corrente do que se passava. O sujeito gordo abrindo, de novo, a porta, chamou para dentro e uma linda senhora surgiu, trazendo ao pescoço um fio de oiro sem medalha.

O sujeito perguntou-lhe qualquer coisa que Eládio não percebeu e, então, ela, levando a mão ao pescoço, exclamou aflitivamente:

—«Oh, meu Deus, já que me levaste o meu filho, fazei com que eu ache o seu retrato que tanto adoro!»

Então, Eládio adiantou-se, apresentando a medalha à senhora que muito lha agradeceu, ao mesmo tempo, que o sujeito, abrindo a carteira, lhe entregava uma nota de dez escudos que o pequenino só ao fim de muita insistência aceitou.

Descendo a escada, radiante, pôs-se, então, a conjecturar os seus planos. Daria à Mãe os oito escudos de que ella necessitava e, com os dois restantes, compraria um dos «Yo-Yos» que vira na montra e que tanto ambicionava.

Já perto de casa, ouviu chorar uma criança e ao virar duma esquina, deparou-se-lhe um triste espectáculo:—Uma pobre mulher com um bêbé de meses, ao colo, segurava pela mão uma garotinha de poucos anos que lhe puxava pela saia, chorando e pedindo pão.

Eládio, com dó da pobre mulher, seguiu a garotinha, que se calou assustada, enquanto a Mãe lhe explicava o motivo do choro. Que tendo angariado poucas esmolas, só pudera dar a filhinha um pouco de pão e que ella, querendo mais e vendo-o na padaria, gritava e chorava numa impertinência.

Eládio comoveu-se e logo uma

Hieroglifica

Tio  lo deseja

a todos os seus

-M+O-A

e que a  lhes ponha

na  muitos  

Milhores do Deus Menino

Por ZÁLIA

ROSALINDA tinha quatro anos quando foi para a escola; uma escola particular, diga-se de passagem. Só aí a teriam encerrada desde as nove horas, até ao pôr do Sol. A família, porém, assim o entendeu, visto que Rosalinda fugia constantemente de casa.

Não podiam passar á rua tocadores de realejo ou cegos, que ela, atraída pela sua música, os não seguisse de rua em rua, até que alguém conhecido, a trazia aos seus, já alarmados com a sua ausência ou alguma pessoa de família a encontrava, depois de muito a ter procurado.

Eram contínuos os sobressaltos. Logo que se ouvia na rua o som dolente duma guitarra, acompanhando o monótono canto dalgum cego, a tia, com quem ela vivia, corria logo a vigiá-la, temendo que a pequenina encontrasse alguma maneira de ir para a rua.

Finalmente, decidiu-se que Ro-

pelo Menino Deus e de tal modo que, apesar de já terem passado muitos anos, ainda hoje adora Este bendito nome.

Era amiga de correr, saltar e brincar; mas, se lhe dissessem que isso desagradava ao seu amiguinho, ela logo ficava muito quieta, para não o desgostar.

Só comia ovos estrelados e presunto. Pouco pão e raramente a sôpa. Pois bem; a tia conseguiu que ela a comesse, fazendo-lhe crêr que o Menino Jesus lhe tinha dado uma receita, que a pequena achou deliciosa.

Um dia, apareceu em casa da mãe de Rosalinda um petiz louro como os trigaís, de lindos olhos azuis, pedacitos do céu, e com uma pele tão linda, que, dir-se-ia ter sido amassada com leite e rosas.

A menina ficou encantada e só tinha olhos para o pequenino. Logo que chegava a casa pedia licença á tia, e ela aí ia correndo até a casa da mãe, que ficava no extremo da rua onde ela morava.



tadas deixavam cair as malhas. Muitas vezes tinha que desmanchar o trabalho e assim a linha ia perdendo a alvura, e nalguns sitios das meias, viam-se buracos produzidos pelas malhas mal apañadas.

Rosalinda estava descontente com o seu trabalho, que pouco progredia e estava tão mal feitinho. Uma tarde trouxe-o para casa e, de noite, ao deitar-se, pediu ao Menino Jesus que a ajudasse, pois, ela não seria capaz de acabar as meias.

Adormeceu e sonhou que o Menino se tinha sentado junto á sua cama, tinha pegado na peúga e esta, como por encanto, se tinha tornado muito branca e tão bem feita que parecia ter sido trabalhada por mãos de fada.

De manhã, o primeiro olhar de Rosalinda foi para o cestinho, que ainda se conservava em cima da mesita de cabeceira, onde o tinha deixado. Tirou de lá a meia, e, com grande alegria, viu que o sonho se realizara. Chamou pela tia e mostrou-lhe o cesto.

— Veja minha tia!

Olhe como está branquinha a minha peúga!

— E' verdade! exclamou a tia.



salinda fôsse para a escola, e ela lá ia todos os dias acompanhada por uma vêlhota, que lhe contava pelo caminho histórias do Menino Jesus.

No seu pequenino cérebro começou a desenvolver-se o culto

Um dia resolveu fazer-lhe umas meias brancas, e levou para a escola o necessário para êsse fim: agulhas e linha.

Começou a aprender, com muito custo, mas lá foi indo. Infelizmente as suas mãositas desajei-

(Continua na página 7)

Diálogo infantil

Por AUGUSTO DE SANTA RITA

(Recitado, na noite de ontem, ao microfone do posto emissor C. T. 1. A. A. pelas notáveis actrizes, senhoras donas Ilda Stichini e Ester Leão).



— «Zeca, anda ver os presentes que eu tive, que o Pai Natal me trouxe lá do Céu!»

— «Ih, tão bonitos, tantos!... Onde vive esse outro Pai que nunca inda desceu à minha casa, à minha chaminé, que não gosta de mim, pois me não deu nenhum brinquedo. Ele, afinal, quem é?»

— «É um senhor de barbas brancas...»

— «Ah!»

— «Muito compridas, muito brancas. Tem, (segundo me afirmou o meu Papá,) setent'anos, oitenta ou talvez cem.»

— «Pois é assim já tão velhinho?»

— «E, é!»

Mas a-pesar de ter tão longa idade, anda, muito ligeiro, por seu pé. Baixa do Céu, envolto em claridade, e entra na escuridão da chaminé. Trás às costas um saco gran-an-de, enorme, com todos os bonitos que o Céu tem e distribui-os, quando a gente dorme, entre os meninos que se portam bem, no dia vinte e cinco de Dezembro, o dia em que Jesus ao mundo veio!»

— «Mas eu não tive nada e não me lembro de haver feito maldades, de ser feio!»



— «Então, porque será que te não pôs nem um brinquedo só no sapatinho?»

— «Já sei, já sei!... É como um algeroz, como um cano deveras estreitinho, a minha chaminé; naturalmente o Pai Natal não pode atravessá-la!»

— «Então, foi isso... A minha é imponente e desemboca no fogão da sala.»

— «Se me tenho lembrado, tinha aberto uma das janelinhas do meu lar, tanto mais que êle fica muito perto das estrêlas, pois é num quinto andar!»

— «É verdade; ou, então, teres deixado, (que falta de pensar, que esquecimento!) o trinco da portinha mal fechado! Ele, assim, percebendo o teu intento não deixava de ir lá!»

— «Foi pena, foi!»

Que coisas tão bonitas que tiveste!...

— «Vê: — além desta vaca, dêste boi, desta carroça, dêste burro e dêste automóvel e desta bicicleta e desta espingardinha, inda me trouxe êste lindo tambor, esta corneta e um prato muito grande de arroz-dôce!»

— «Foi pena, foi! Se eu tenho adivinhado!... Para o ano que vem, aí, pela certa, deixo o trinco da porta mal fechado e a janela do quarto toda aberta!»

AUGUSTO DE SANTA RITA

O MILAGRE DA PORCELANA

Versão de Francisco Carvalho M. Taborda



IL e quinhentos anos antes de Jesus Cristo, nessa velha Sérica, velha como o mundo, a olaria era a principal indústria, à qual consagravam os seus maiores desvelos tanto o povo como os imperadores, e estes, desejosos de fazerem progredir aquela nova fonte de riqueza, faziam encargos

irrealizáveis aos operários e artifices, que, muitas vezes, os não podiam cumprir, recebendo, então, os mais crueis castigos.

Quando o entusiasmo era maior pela olaria, começou a chamar a atenção de todo o império, um artifice que trabalhava num forno de porcelana. Este operário chamava-se Pussah. O dono do forno, um homem néscio e vaidoso, conhecido pelo nome de King-te-tching, envaidecido pelos triunfos que sua casa obtinha, apresentou-se ante o filho do Céu e assim falou:

— Senhor, já vês que o meu forno não tem rival em todo o império. Creio que ninguém pode igualar-me. Assim, pois, pede o que te apetecer, com a certeza de que ficarás satisfeito.

O imperador contestou:

— Quero porcelana impalpável como as asas das mósas, sedosa como a cútis de uma formosa menina de 15 anos, e da côr azul e nacarada de um céu de primavera quando aparece a aurora!

Algo confuso ficou o soberbo industrial pois



— O Filho do Céu manda, e não há nada impossível para a vontade do Filho do Céu. Prepararei o forno convenientemente, e se é necessária a minha vida para satisfazer o capricho do imperador, sacrificar-me-hei!

Mas, a-pesar-dos bons desejos de Pussah, os dias e os meses passavam, sem que do forno saísse a porcelana ideal.

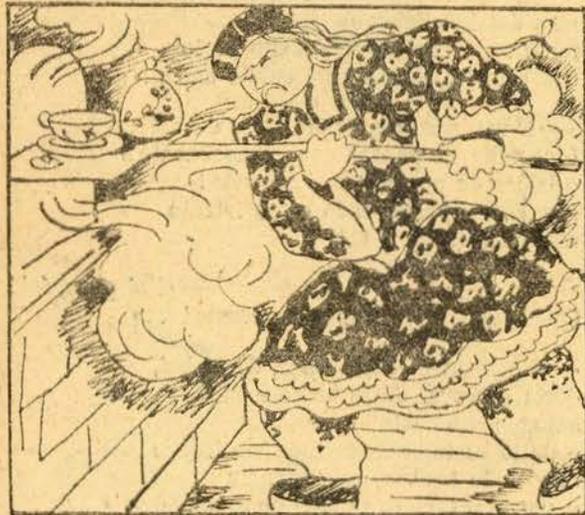
Entretanto, o Filho do Céu ameaçava com duros castigos os mandarins, que, por sua vez, os prometiam mais severamente ainda a King-te-tching, o dono do forno, o qual jurou matar Pussah e todos os seus operários se não alcançasse os seus desejos.

Pussah gemia; King-te-tching desculpava-se e os mandarins transmitiram ao Filho do Céu, os obstáculos que se opunham à realização da empresa. Mas o Imperador era inexorável. Pussah, depois de muitos ensaios, intentou fazer a última prova; preparou o forno, e, com a fé dum mártir que vaiaté ao sacrifício, disse aos seus companheiros:

— Eu vos juro, meus irmãos, que desta vez cumpri o encargo do imperador. O forno arderá com o mesmo fogo durante um dia e duas noites sem alterações, e se fôr preciso, avivá-lo-hei com o meu próprio corpo.

Então, Pussah, empunhando a pá de oleiro, soltou uma gargalhada estridente. Todos supuzeram que havia endoidecido.

Os operários fôram ficando de vela. O forno ardia com perfeita uniformidade. Chegou o turno de Pussah, e, passado este, quando o fôram render, não o encontraram. No interior do forno êle estava rodeado de uma luz prateada. O artifice havia cumprido aos deuses a sua promessa de lhe avivar o fogo com o seu próprio corpo. Um momento depois, todos os operários notaram que o pobre Pussah era um montão de cinzas, e no seu



não supunha que o seu dono e senhor fizesse tal exigência.

Sem embargo, King-te-tching comunicou a Pussah os desejos do soberano.

Pussah, que desde muito jovem, sentia o espírito de sacrifício, respondeu, humildemente, depois de prostrar-se sete vezes ante seu amo:

(Continua na página 8)

MILAGRES DO DEUS MENINO PARA OS MENINOS COLORIREM

(Continuado da página 4)

Como foi isso?

— Pois não adivinha?

— Não!

— Foi o Menino Jesus!

A tia aproveitou, então, a ocasião para lhe dizer:

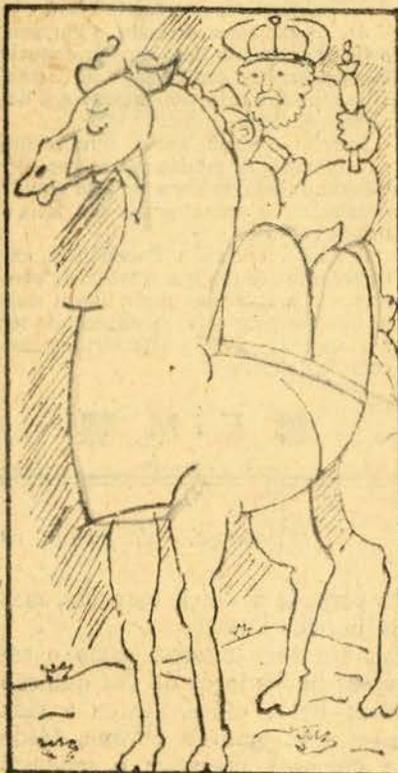
— Vê, minha filha; o Menino Deus auxilia sempre todos os meninos que são seus amigos e se portam bem. Nunca os desampara pela vida fora e está sempre pronto a ajudá-los quando a Ele recorrem.

FIM

Concurso de Charadas e Adivinhas

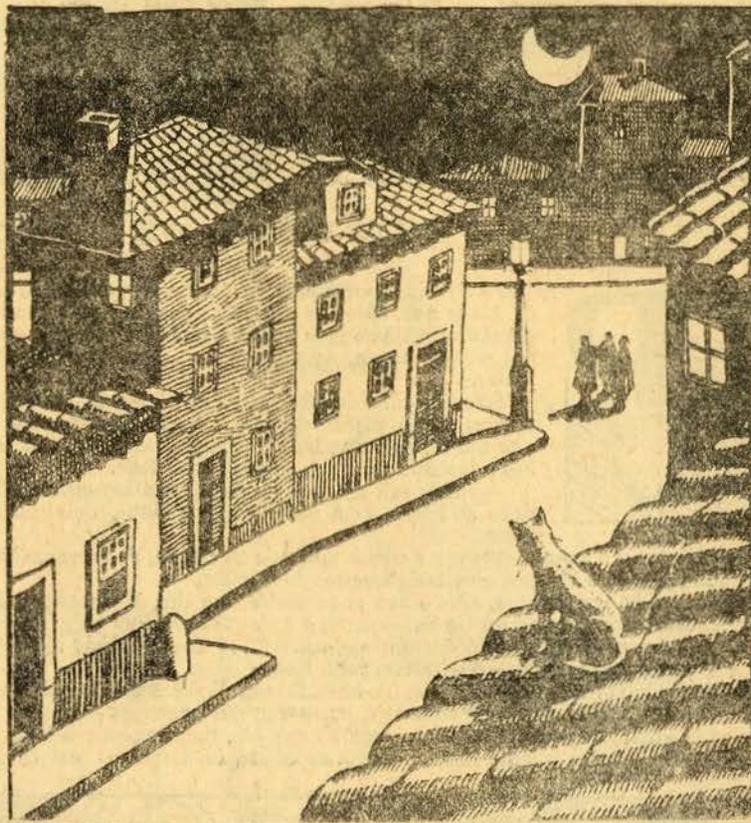
Por absoluta falta de espaço, omitimos a página deste concurso que prosseguirá no próximo número.

ADIVINHA



Meus meninos:

Vejam se descobrem como se chama este Rei Mago. Procurando bem encontrarão todas as letras do seu nome.

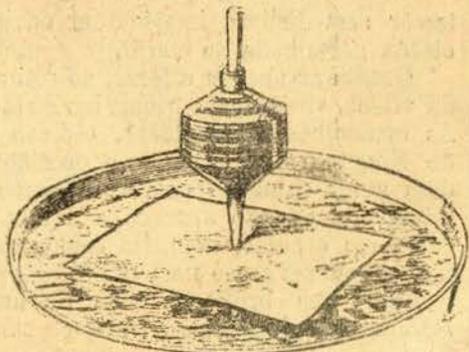
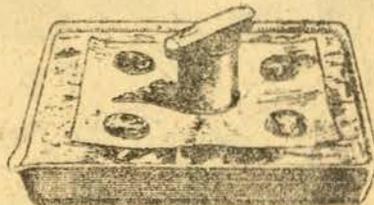


EXPERIENCIAS COM PAPEL

A série de cousas curiosas que poderá conseguir-se com papel fluctuante, não só causará espanto a adultos como servirá de divertimento aos nossos pequeninos leitores.

Uma simples folha de papel de escrever, fluctuando ao de cima d'água, surpreender-nos-há ao verificarmos o peso que ela pode suportar. Um dia, fazendo esta experiência, colocámos um grande carrinho de linhas sobre uma meia folha, contando que ela fôsse ao fundo, o que não aconteceu e resolvemos colocar-lhe maior peso. Pegámos, então, num canivete e puzemo-lo sobre o carrinho. Com grande espanto, notamos que o papel continuava a boiar e até mesmo quando o sobrecarregámos com 4 moedas de 50 centavos a cada canto.

As nossas restantes gravuras revelarão aos leitores o nosso espanto quando notámos a série de experiências que pudemos obter com os diversos pesos que fomos colocando em cima dum pedaço de cartão sobre o papel, inclusivamente o de um pião a girar.





Por AUGUSTO DE SANTA RITA



PAULO e Pedrinho eram dois irmãositos de nove e dez anos de idade que, todos os anos, logo após o Natal, sentiam grande entusiasmo pelo aparecimento do bolo-rei, que o pai sempre trazia, naquela época, para sôbremesa do jantar.

Não só a idéia de saborearem o bolo, cuja gulodice os tentava, como, principalmente, a de alcançarem o brinde, que era sempre uma bela surpresa, constituía para ambos a justificação dessa enorme ansiedade.

— Há-de sair-me, verás! — dizia, petulantemente, o Pedrito ao irmão, com um arzinho soberbo, desafiando a Sorte.

Além de ser o mais traquinas e o menos aplicado ao estudo, Pedro supunha-se em tudo superior a Paulo e com mais direitos do que êle.

Em face do seu desdem, ante o seu ar basofoiro, um dia, à sôbremesa, precisamente no momento em que o pai repartia o bolo-rei e em que o Pedro repetia a frase impertinente: — «Há-de sair-me, verás!...» Paulo apenas lhe retorquiu, levemente enfadado — «Deixa-me, vai à fava!»

Mal êle havia terminado a frase, Pedrito, levando à bôca a apetecida fatia, sentiu, entre os dedos, qualquer coisa rija, compacta, que supoz ser o brinde. Esfarelando, então, um pedacito do bolo, reparou que era, simplesmente, a fava. Corando muito, mordeu o lábio inferior, numa expressão de despeito e mal contida



raiva, em face da risota galhofeira da Mãe, do Pai e do Paulo.

— «Final, êle mandou-te à fava e tu fôste...» exclamou, trocista, o Pai, com o firme propósito de o corrigir daquele feio costume de enaltecer-se ao irmão, injustificadamente, até mesmo nos desígnios da Sorte.

Pedrito desatou, então, num chôro desesperado, ao mesmo tempo que o irmãozinho atilado, se pôs a rir, com grande satisfação, ao encontrar na sua fatia o brinde cobiciado.

O Acaso, ou seja a Providência, encarregara-se de castigar o soberbo Pedrinho, que a si mesmo jurou nunca mais se mostrar petulante, reconhecendo ser a Humildade a mais alta virtude dum coração de criança.

■ F I M ■



O MILAGRE DA PORCELANA

(Continuado da página 6)

terrôr sem limites, imaginavam ouvir a sempre eterna gargalhada do mártir.

Quando se apagou o forno, ao retirar os restos da vítima, viram que o triunfo havia sido completo. As maravilhosas porcelanas, obtidas nos fornos de King-te-tching, segundo a opinião autorizada dum autor chinês, «eram azúis como o céu da primavera, quando aparece a aurora, brilhantes como um espelho, delgadas como a asa de uma môsca, sonoras como uma campainha e semelhantes, pelo seu brilho, à cútis de uma formosa menina de quinze anos». Um as porcelanas dignas do abnegado sacrifício do operário.

O êxito havia coroado a difícil empresa, mas custara a vida do heróico Pussah.

Eis aqui, meus amáveis leitores, como o segredo de fazer êsses lindos jogos de chá que são o regalo dos vossos belos olhos, custou a vida de um homem, e eis aqui, também, porque, desde então, os oleiros chineses elevaram o modesto artífice à categoria de «Deus» e nos fornos de porcelana colocam o seu altar, onde aparece a sua figura com a bôca aberta, de orelha a orelha, numa sempre eterna gargalhada.

■ F I M ■